

Brady espera solução para a dívida brasileira este ano

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

Foto de Bia Marques



Yukinori Ito, do Eximbank do Japão

WASHINGTON — Ao prestar esclarecimentos, ontem, à Comissão de Orçamento do Senado, o Secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, disse que espera que o Brasil e a Venezuela consigam solucionar ainda este ano os problemas relacionados à dívida externa. Ele também afirmou que se houver um acordo entre a Casa Branca e o Congresso, sobre um plano do Presidente George Bush para reduzir o déficit orçamentário, as taxas de juros poderiam ser reduzidas em breve.

Brady afirmou que estava bastante satisfeito com os progressos feitos desde o lançamento, em março do ano passado, da estratégia de redução da dívida, batizada com o seu próprio nome (Plano Brady). Mas logo depois disse que poderão ser feitas pequenas alterações nesse programa, para atualizá-lo. Reservado com relação às inovações, Brady preferiu alongar-se no caso do México, anunciando que o acordo feito entre o país e seus credores deverá ser assinado no próximo domingo. Ainda no primeiro trimestre deste ano seriam fechados outros pacotes com as Filipinas e a Costa Rica, iniciados há quase um ano.

— Depois disso, esperamos trabalhar com um plano para solucionar os problemas do Brasil e da Venezuela — disse Brady. Funcionários do Governo americano comentavam ontem que eles vêm trabalhando muito na tentativa de neutralizar a contradição que existe na formulação do Plano Brady — o fato dele propor aos bancos cortarem parte da dívida velha e, ao mesmo tempo, conceder dinheiro novo.

A solução, admitiu um deles, poderia ser algo semelhante à estratégia que o Governo do Japão havia apresentado durante uma reunião dos Ministros de Economia dos países ricos, em Toronto, em 1988. Segundo ela, em vez de riscar dos livros contábeis uma parte da dívida, os bancos seriam incentivados a renegociá-la com base em condições mais amenas, ainda que os prazos de pagamento viessem a ser alongados. E, ao mesmo tempo, concederiam dinheiro novo também sob novas bases, de acordo com a capacidade de crescimento de cada devedor.

O Presidente Bush tinha antecipado, pessoalmente, ao Presidente eleito Fernando Collor que gostaria muito que o Brasil encaminhasse suas negociações com os banqueiros privados à luz do Plano Brady.